

Os Jafet e seus percursos de riqueza: o funcionamento da Fiação, Tecelagem e Estamparia Jafet e suas redes comerciais

Renata Geraissati
Castro de Almeida

Entre o fim do século XIX e início do XX, a imigração foi um processo de grandes proporções no continente americano, fazendo com que pessoas de diferentes etnias e costumes se reunissem e disputassem projeção em cidades como São Paulo, Buenos Aires, Nova Iorque e Chicago. Na capital paulista, com o consequente aumento demográfico em virtude da presença destes indivíduos promovendo inúmeras marcas no tecido urbano, observamos a atuação de estrangeiros na conformação de bairros e na fundação de empresas. Na presente análise, demonstraremos as ações realizadas pelos imigrantes sírio-libaneses Benjamin Jafet, Nami Jafet e Basílio Jafet a partir da Fiação, Tecelagem e Estamparia Jafet S.A. e a construção de seu parque industrial no bairro do Ipiranga. A abordagem transnacional permite que compreendamos as redes comerciais, de imigração e de sociabilidade criadas por estes indivíduos a fim de captarmos a agência destes em fazer-se na cidade de São Paulo, matizando a compreensão da imigração como um discurso que tenta incorporar o estrangeiro em uma narrativa nacional oficial.

PALAVRAS-CHAVE: indústria; imigração; redes comerciais.

LOS JAFET Y LAS RUTAS DE LA RIQUEZA: EL MECANISMO DE LA FIAÇÃO, TECELAGEM E ESTAMPARIA JAFET Y SUS REDES COMERCIALES

Entre fines del siglo XIX y comienzos del XX, la inmigración fue un proceso de grandes proporciones para el continente americano, derivando en la reunión de diferentes etnias y costumbres en ciudades como São Paulo, Buenos Aires, Nueva York y Chicago. En São Paulo, el consecuente incremento demográfico en virtud de la presencia de esos individuos propició innumerables marcas en el tejido urbano, donde podemos observar la actuación de extranjeros en la conformación de barrios y en la fundación de empresas. En este análisis demostraremos las intervenciones realizadas por los inmigrantes sirio-libaneses Benjamin Jafet, Nami Jafet y Basilio Jafet tras la fundación de Fiação, Tecelagem e Estamparia Jafet S.A. y la construcción de su parque industrial en el barrio de Ipiranga. A partir del enfoque transnacional, pretendemos aprehender las redes comerciales, de inmigración y de sociabilidad creadas por estos individuos, con el objetivo de comprender su papel en la ciudad de São Paulo, extrapolando el entendimiento de la inmigración como un discurso que intenta incorporar el extranjero en una narrativa nacional oficial.

PALABRAS CLAVE: industria; inmigración; redes comerciales.

THE JAFETS AND THEIR PATHS OF WEALTH: THE FIAÇÃO, TECELAGEM E ESTAMPARIA JAFET AND ITS TRADE NETWORKS

Immigration was a process of great proportions for the American continent between the end of the 19th and beginning of the 20th century. People of different ethnicities and customs met in cities such as São Paulo, Buenos Aires, New York, and Chicago. In São Paulo, consequent demographic increases due to the presence of these individuals caused several alterations in the urban fabric, in which we can observe the agency of foreigners in the conformation of neighborhoods and companies' foundations. We intend to demonstrate the interventions of the Syrian Lebanese immigrants Benjamin Jafet, Nami Jafet, and Basilio Jafet in founding the Fiação, Tecelagem e Estamparia Jafet S.A. and the construction of its industrial park in the Ipiranga neighborhood. Based on a transnational perspective, we intend to understand the commercial and social networks created by these individuals in order to capture their agency. We seek to go beyond the understanding of immigration as a discourse that tries to incorporate the foreigner in an official national narrative.

KEYWORDS: industry; immigration; trade networks.

1. Introdução

Entre 1881 e 1915, cerca de 31 milhões de imigrantes chegaram à América no período classificado como o das Grandes Migrações (KLEIN, 2000), provocando inúmeras transformações nas sociedades que receberam este grande afluxo populacional. O vultoso crescimento demográfico ocorrido na cidade de São Paulo neste período foi destacado e cristalizado pela historiografia que a analisa. Moradia, trabalho e condições de vida se tornaram dilemas neste contexto (GLEZER, 2007) em que urbanizar os vales, traçar ruas e ocupar as depressões significava multiplicar a riqueza (BUENO, 2010).

Ao longo deste processo de urbanização é manifesta a presença do estrangeiro, que exerceu um relevante papel na conformação territorial da cidade, e que ao impactar o cotidiano das cidades com novos costumes e sociabilidades, se tornou objeto dos interesses de seus contemporâneos. Raça e etnia se tornaram temas centrais de estudo para os intérpretes da sociedade que ansiavam por compreender as implicações políticas e espaciais da entrada dos grupos de imigrantes no tecido urbano e qual era seu impacto na conformação de uma espacialidade.

A existência destes sujeitos e seu comportamento no espaço urbano se tornou uma questão política que demandava estudos sociais para equacioná-la. Em 1932, Oliveira Vianna publicou "Raça e Assimilação", um estudo de grande relevância para o pensamento social brasileiro. Ao abordar o tema da mestiçagem o autor sugere a necessidade de pesquisas científicas sistematizadas para solucionar os problemas de evolução social (VIANNA, 1959). Inscrito no mesmo debate, o campineiro Guilherme de Almeida escreveu uma série de crônicas sobre os bairros paulistanos no ano de 1929 para o jornal O Estado de S. Paulo, intitulados "Cosmópolis", em que criava arquétipos das colônias de imigrantes presentes na cidade. Neste contexto eram usuais os embates que oscilavam entre a "assimilação" e a "aculturação" destes indivíduos (SEYFERTH, 2005). Longe de estar naturalizada no cotidiano, as crônicas e jornais demonstram que a presença de imigrantes era percebida e incômoda. Foram criados estereótipos para as diferentes colônias que aqui aportaram, denotando uma insatisfação com a sua presença e demarcando-as como "o outro" na cidade.

O interesse na inserção dos imigrantes no espaço urbano permaneceu presente nos estudos que abordavam a temática com diferentes perspectivas. Nos anos de 1990, pesquisadores vinculados ao Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo (Idesp),

produziram obras que intentavam preencher a lacuna sobre a imigração com caráter urbano, visando abordar experiências que não estavam apenas vinculadas à mão de obra para o setor da agricultura. Entre 2007 e 2011, pesquisas do projeto temático "Os estrangeiros e a construção da cidade" vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), ajudaram a rever e ampliar a inserção destes indivíduos (LANNA; LIRA; PEIXOTO; SAMPAIO, 2011). Ana Lanna (2011), ao analisar a composição do bairro do Bexiga entre 1890 e 1930, entende-o como um espaço construído e ocupado majoritariamente por imigrantes italianos advindos da Calábria, Basilicata e Campânia. Ao analisar o bairro do Bom Retiro, na capital paulista, Sarah Feldman (2011) mostra que, em diferentes temporalidades, o local abrigou portugueses, italianos, gregos, armênios, sírios, coreanos, bolivianos e peruanos.

Dentre as diversas nacionalidades que aportaram no Brasil, as que mais se destacaram, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) foram, respectivamente: os italianos, que em sua grande maioria vieram para trabalhar nas plantações de café, pois teriam os custos da viagem subvencionados; os portugueses, que se concentraram predominantemente na capital paulista, tendo apenas alguns poucos se dedicado à agricultura; os espanhóis e japoneses, que se dirigiram a pequenas cidades do interior do estado; e os sírio-libaneses que, desde a sua chegada, optaram, majoritariamente, por viver na capital, constituindo também uma imigração espontânea, já que o governo não subsidiava pessoas que não fossem trabalhar nas fazendas.

Apesar de serem numericamente menos expressivos que italianos, portugueses, alemães e espanhóis, os libaneses trouxeram contribuições essenciais para o desenvolvimento de algumas regiões da cidade de São Paulo, a exemplo da área conformada pelas Ruas 25 de Março e Cantareira e a Avenida do Estado. Contudo, a despeito de sua significativa presença, existem poucos trabalhos que abordam a história da imigração sírio-libanesa¹ para o Brasil. Em especial, destacamos a tese de doutorado de Oswaldo Truzzi, "Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo", de 1993, em que o autor elucida o processo da integração entre migração e imigração, e frisa que as especificidades da pátria de origem e das sociedades receptoras são fatores responsáveis para a permanência em locais, por vezes, com costumes diversos (TRUZZI, 2008a). Em "Sírios e libaneses: narrativa de história e cultura", obra publicada em 2005, Truzzi propõe, por meio de uma análise quantitativa, a periodização para as levadas migratórias deste grupo.

Esta trajetória nos permite conceber a potencialidade dos estudos transnacionais, uma vez que estes imigrantes consolidaram, além de trocas, redes migratórias, sociais e políticas

Contudo, em seu esforço para apresentar as contribuições desta população, o autor não evidencia as tensões sociais que envolviam sua permanência na cidade, tampouco os conflitos que permeavam o interior da colônia. Em termos metodológicos, em seus artigos mais recentes, o sociólogo defende enfoques que buscam recuperar o papel do agente e de sua rede, fator decisivo na escolha dos locais de destino. Para Truzzi (2008b), o imigrante deveria ser entendido como um agente racional, e pelo viés da micro-história seria possível compreender informações sobre suas trajetórias perdidas nas escalas macroscópicas.

Para compreendermos o impacto destes indivíduos na cidade de São Paulo e como suas relações extrapolavam as fronteiras nacionais, a análise da trajetória da família Jafet se distingue como um percurso promissor. Por meio dela conseguimos investigar a relação entre capital privado e a construção civil na cidade, uma vez que estes indivíduos participaram intensamente do processo de urbanização paulista, criando inúmeros marcos visíveis, entre os quais, sua residência e indústrias. Contudo, sua atuação não ficou restrita ao território nacional, uma vez que para o desenvolvimento de suas indústrias tiveram de tecer redes comerciais com diversas localidades. Assim, esta trajetória nos permite conceber a potencialidade dos estudos transnacionais, uma vez que estes imigrantes consolidaram, além de trocas, redes migratórias, sociais e políticas com sua pátria de origem. Vejamos a seguir como esta perspectiva de análise tem contribuído com as pesquisas.

2. A abordagem transnacional e os estudos migratórios

A compreensão dos processos imigratórios é em grande medida beneficiada por uma análise que tenha por perspectiva a leitura transnacional, uma vez que esta tem por objetivo compreender as trocas entre sociedades, bem como analisar as redes, as crenças, as instituições que transcendem a esfera do espaço nacional e os movimentos de capital, pessoas e práticas. Várias circunstâncias levaram tantos estudiosos a adotar essa perspectiva. Segundo Barbara Weinstein (2013), foram os pesquisadores latino-americanos que desempenharam um papel central para a adoção deste ponto de vista, uma vez que objetivavam contestar a História da América Latina como um espaço de ramificação da economia e das iniciativas políticas dos Estados Unidos.

A adoção desta metodologia pôde solucionar os obstáculos propostos por Douglas Massey para as análises sobre imigração, isto é, a ausência de paradigma compartilhado entre as diferentes disciplinas, regiões e ideologias, elemento que, para o autor, resulta em narrativas ineficientes. O sociólogo americano afirma que apenas quando os pesquisadores aceitarem conceitos e teorias em comum é que a área produzirá um conhecimento cumulativo (MASSEY, 1994). Na mesma linha argumentativa, Jan Lucassen e Leo Lucassen destacam a existência de uma distância na produção entre historiadores e cientistas sociais, que tende a ser maior quando analisamos as abordagens que partem de uma perspectiva macroscópica centrada na análise de políticas migratórias e forças de mercado e aqueles que utilizam a microescala, enfatizando a experiência individual ou de famílias no processo migratório (LUCASSEN; LUCASSEN, 1997).

Sendo assim, a história transnacional poderia gerar uma convergência entre as duas escalas de análise, possibilitando a compreensão dos intercâmbios entre as sociedades. Para Patricia Seed et al. (2006) a utilização desta abordagem nos estudos migratórios permite o entendimento da sociedade receptora e da pátria de origem, concebendo os impactos e motivações da imigração de forma relacional. Portes, Guarnizo e Landolt (2003) apontam para a possibilidade de encontrarmos nesses processos migratórios pessoas que desenvolveram suas vidas em contato contínuo e habitual através das fronteiras. Para esses autores, poderíamos conceber como atividades transnacionais os negócios de importação e exportação, as atividades de imigrantes que participam em campanhas políticas em seus locais de origem. Questões extremamente pertinentes para pensarmos as

constituíram redes que visaram impactar politicamente na Síria e Líbano, ao mesmo tempo em que intervinham na sociedade paulista

atividades desempenhadas pelos membros da família Jafet, que constituíram redes que visaram impactar politicamente na Síria e Líbano, ao mesmo tempo em que intervinham na sociedade paulista com sua indústria e benemerência.

Portanto, "diferente da história internacional, que incide sobre a interação entre as nações, a história transnacional enfatiza questões para as quais o país não é a principal arena de interação ou conflito" (WEINSTEIN, 2013, p.20). O objetivo desta perspectiva é deslocar o nosso enfoque da esfera estritamente política, diplomática e econômica para a esfera cultural, privilegiando as trocas; pois para que captemos os desdobramentos políticos é necessária uma investigação pormenorizada dos intercâmbios culturais, indicando as permeabilidades das fronteiras e demonstrando que as relações não podem ser pensadas como vias de mão única, o que apenas reforça uma assimetria, mas construídas de forma relacional. Conrad define essa abordagem como "uma forma de análise histórica na qual fenômenos, eventos e processos são inseridos no contexto global" (CONRAD, 2016, p.5). Tais estudos partem do pressuposto de que nenhuma sociedade, nação ou civilização existe em isolamento. O "transnacional" tem seu escopo de análise focado nas dimensões fluídas e nos entrelaçamentos do processo histórico, estudando as sociedades nos contextos que as moldaram e no qual elas também influíram.

Como o foco desta interpretação se dá nas interações entre diferentes espaços geográficos, temas como mobilidade de mercadorias, migração e circulação de ideias e instituições se tornam objetos de estudo de muitos historiadores tributários da perspectiva transnacional. Porém, não devemos supor que essas temáticas são essencialmente transnacionais, pois existem inúmeros estudos que tem por objetivo incorporar o "outro" na narrativa nacional, diferentemente da história

transnacional, cujo objetivo é compreender a imigração como uma rede de intercâmbio.

3. O Ipiranga e a Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga Jafet

O primeiro dos irmãos Jafet a imigrar, Benjamin Jafet, aportou em 1887 no Rio de Janeiro, e é considerado um dos primeiros imigrantes sírios a se estabelecer no Brasil. Após atuar como secretário em uma companhia de navegação, em Beirute, decidiu em 1887 partir para o Brasil. Abasteceu-se em Marselha com produtos para serem comercializados no Brasil, após sua chegada ao Rio de Janeiro foi mascatear em Juiz de Fora, até chegar a São Paulo (SR. BENJAMIN..., 1940).

No ano seguinte, seu irmão Basílio (conhecido como Cavaleiro Basílio Jafet, em função de uma condecoração do governo francês) veio para o Brasil e, em 1890, ambos se mudaram para São Paulo, estabelecendo-se na Rua 25 de Março, fato que serviu de incentivo para a vinda do restante de sua família. No Brasil, devido as suas obras sociais e auxílios, Basílio foi considerado representante e liderança da Colônia Libanesa. Foi presidente por vários anos do Conselho Administrativo da Igreja Ortodoxa e da Comissão Pró-Monumento da Colônia Sírio-Libanesa, criada em virtude do centenário da Independência do Brasil, originando o Monumento Amizade Sírio-libanesa, dentre outros. Na inauguração do monumento em 1928, Basílio Jafet teve a incumbência de representar o Presidente Washington Luís (CAVALEIRO BASILIO..., 1947).

Nami Jafet, o mais velho dos irmãos, partiu em 1893 para a América do Sul e ficou conhecido na comunidade sírio-libanesa como "o professor", em função de sua carreira em Beirute. Nami era bacharel em Artes e Ciências pela Universidade Americana de Beirute e ensinou Ciências Naturais na mesma universidade a uma classe preparatória de Medicina. Sua erudição lhe atribuiu um papel de destaque dentro da comunidade, Nami era leitor de Darwin, Spencer e Huxley e escreveu um Tratado em Aritmética, além de outros artigos sobre matemática publicados na revista *Al Muktaraf* (JAFET, 1947), como atestam vários discursos proferidos em eventos no Brasil reunidos em livro póstumo.

Nami se tornou um importante orador para a comunidade e em muitas ocasiões tratou de temas que lhe eram caros. Dentre estes se destaca sua fala na Sociedade Beneficente Síria de Santos em 17 de

Podemos supor
que o imigrante
sírio, ao instalar
sua indústria
no Ipiranga,
procurou se
associar à
dimensão
simbólica
representada por
este local

outubro de 1917. Nesta ocasião, o imigrante aproveitou para reafirmar sua posição política com relação à independência da Síria e para tal traçou um relevante paralelo com o Brasil:

[...] tenho a honra de estar falando agora na cidade que foi o berço de José Bonifácio. Foi nesta cidade que nasceu e se criou o homem que proclamou a independência do país. Desta cidade partiu a caravana que, nas colinas do Ipiranga, fez reboar o brado de "Independência ou Morte". Santos e Ipiranga são símbolos da Independência e da liberdade para esta terra e para nós também serão os símbolos da liberdade e da independência da Síria amada. (JAFET, 1947, p.337).

Nesse sentido, podemos supor que o imigrante sírio, ao instalar sua indústria no Ipiranga, procurou se associar à dimensão simbólica representada por este local.

Após os acontecimentos de 7 de setembro de 1822, a região do Ipiranga adquiriu uma importância simbólica como local demarcatório do surgimento do Estado-Nação, algo que foi, posteriormente, mobilizado inúmeras vezes para criar representações sobre o passado. Já no ano de 1823, José Bonifácio de Andrada e Silva deu a concessão para a construção de um monumento que lembrasse a proclamação de independência e trouxesse maior visibilidade para a região (BARRO; BACELLI, 1979). Em 1869, o comendador Jerônimo José de Mesquita dirigiu à Câmara Municipal de São Paulo o seguinte ofício:

Ilustríssimos Senhores. A necessidade de erigir-se nas margens do Ipiranga um monumento que mostre aos vindouros o lugar onde se soltou o glorioso grito — Independência ou Morte — que tornou o Brasil por encanto Império e Império livre, é altamente sentida por todos os corações patrióticos e a Assembléia dessa Província

assim o têm, por vezes, reconhecido, consignando quantias para aquele fim. (ATAS..., 1869, p.114).

Contudo, apesar do reconhecimento instantâneo como um local de importância simbólica e das subscrições feitas para sua construção, o monumento foi erguido muitos anos depois. Cecília Helena Salles Oliveira propõe que isto ocorreu devido a uma disputa na dinâmica interna do governo imperial e a uma redefinição nos partidos liberal e conservador. A construção deste marco denota o embate que havia entre província e governo central e a tentativa de São Paulo retirar da esfera do Estado o poder para erguer o monumento. Neste jogo político, os paulistas ansiaram por se qualificar como "berço da nacionalidade" (OLIVEIRA, 1995, p.202). Foi apenas a partir de 1881 que o projeto ganhou forma com o desenho de Thomaz Gaudêncio Bezzi, e em 1894 começou a construção do monumento sob a supervisão do italiano Luiz Pucci. O empreendimento não envolveu apenas a construção do edifício, mas contemplou também uma proposta urbanística, pois a abertura de ruas ou avenidas e a delimitação dos terrenos destinados ao Monumento e à praça promoveram a ocupação e o loteamento de importantes áreas no Ipiranga (OLIVEIRA, 1995).

Neste contexto, em 1907 foi instalada a Fiação, Tecelagem e Estamparia Jafet s.A., em um terreno inicialmente composto por uma área de 6.000 m², que com o passar dos anos chegou a um total de 16.000 m². O empreendimento se tornou um dos maiores complexos industriais do país e fez dos Jafet uma das mais ricas famílias de São Paulo. A Nami Jafet & Irmãos, fundada em 1897, funcionou inicialmente na Rua 25 de Março, posteriormente foi transferida para a Rua Florêncio de Abreu, local que depois serviu como escritório comercial da fábrica localizada no Ipiranga (EXPEDIENTE, 1897). Os tecidos vendidos na loja eram importados em atacado do Rio de Janeiro e, posteriormente, da Europa²), até começarem a ser produzidos pela própria Fiação, Tecelagem e Estamparia Jafet s.A. — a primeira indústria de alto porte na região, ocupando o quadrilátero formado pela Rua dos Sorocabanos, Silva Bueno, Patriotas e Agostinho Gomes.

Desde o ano de 1907, os trechos das Ruas Constituinte e Lino Coutinho foram desativados para conformar a área de seu parque industrial. Na 10ª Sessão Ordinária realizada em março de 1907, ocorreu a leitura do requerimento de Nami Jafet e Irmãos sobre seu pedido de unir em um único quarteirão os números 60, 61, 69, e 70 para a conformação de sua fábrica de tecidos. No ano de 1919, Nami Jafet solicitou o fechamento do trecho da Rua Itu-

O Palacete Rosa foi construído em 1928, com uma composição que demarca com bastante clareza a origem étnica de seus proprietários

anos, oferecendo como contrapartida um lote na Rua Sorocabano, situação que demonstra que o imigrante desfrutava de uma boa relação com a municipalidade. Na 25ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de São Paulo, de 30 de agosto de 1924, as Comissões de Justiça, Obras e Finanças, autorizaram o prefeito a ceder à Fiação as áreas, em troca, os Jafet construiriam uma quadra e uma praça de jogos infantis para uso comum na região.

A planta da cidade de São Paulo elaborada em 1913 por Alexandre M. Cococi e Luiz Frutuoso F. Costa, engenheiros da Comissão Geográfica e Geológica, alocada no Instituto Geográfico e Cartográfico, demonstra a área inicial ocupada pela fábrica e a linha de bondes elétricos que passava em frente. Apesar de a planta não representar toda a área que conformava o Ipiranga, supomos que seus autores escolheram retratar nela o que consideravam locais de maior relevância no período, a exemplo do Parque da Independência e do Museu, a Fábrica de Tecidos (Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga Jafet S.A.), o Asylo do Bom Pastor, a Fábrica Silex e a Fábrica de Linhas para Cozer.

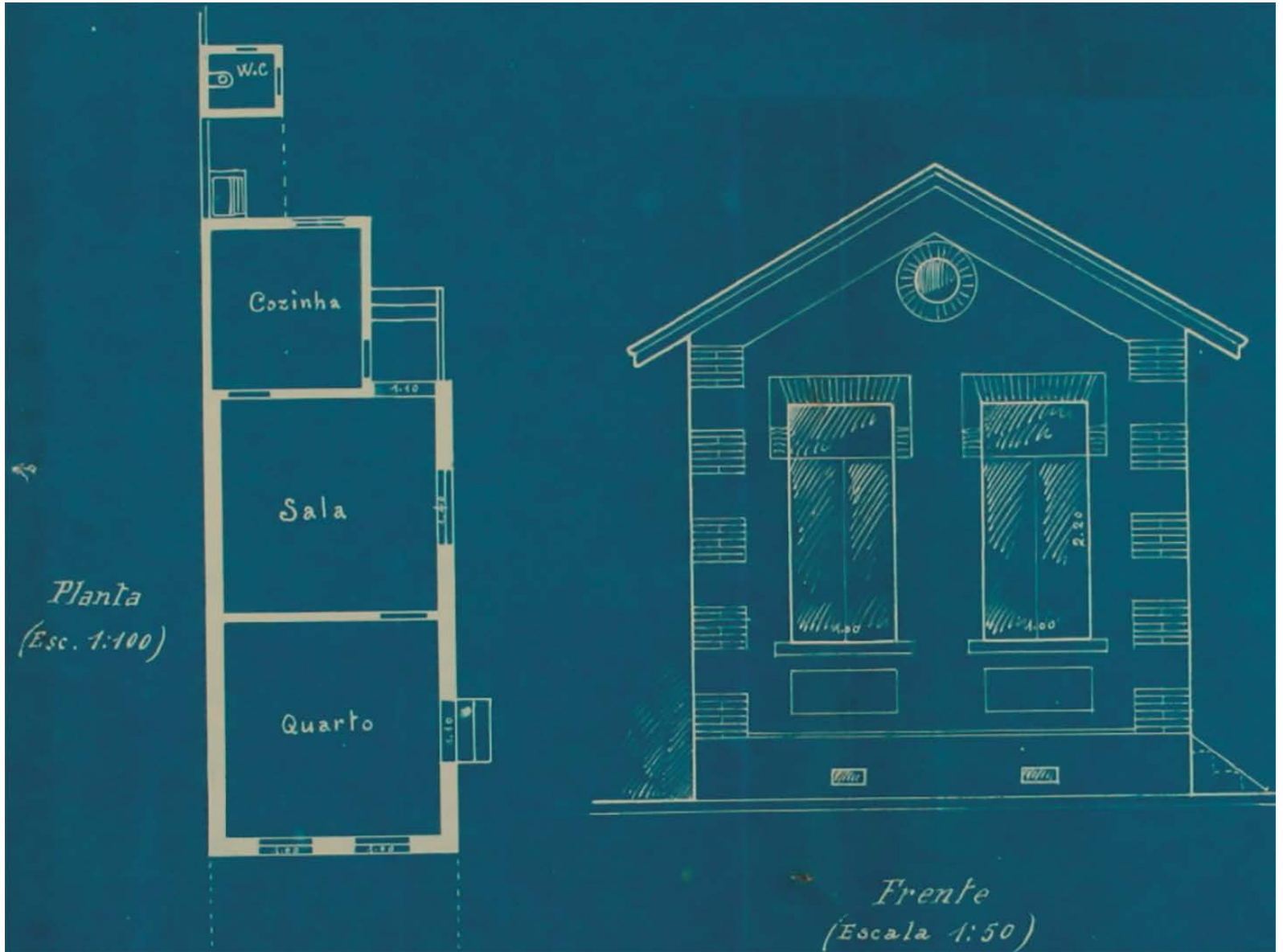
Já na planta elaborada em janeiro de 1943 pela Reparação de Eletricidade da The São Paulo Tramway, Light & Power Co., Ltd. verifica-se que o requerimento de fechamento da Rua Ituanos foi deferido, resultando na incorporação de mais dois lotes na área original da fábrica. Se compararmos à planta da década de 1910, é possível observar o adensamento ocorrido na cidade de São Paulo em um intervalo de três décadas. Especificamente na região do Ipiranga, vemos que as áreas entre o bairro e o Cambuci, que antes não haviam sido loteadas, formavam, na década de 1940, a Vila Monumento. Na atuação empresarial dos irmãos Jafet observamos também preocupação com relação à permanência, ao controle e à formação da força de trabalho. O pesquisador John Tofik Karam destaca que a família foi responsável por grande parte da urbanização do Ipiranga, onde, além de instalar sua fábrica de tecidos, construiu residências para seus funcionários. No Arquivo Histórico Municipal de São

Paulo consta a solicitação por parte de Nami Jafet, em 1908, para a construção de 26 casas operárias que eram compostas por dois quartos (com dimensões de 4 m x 4 m x 4 m) e uma cozinha (com dimensões de 2,5 m x 2,4 m x 3 m) (AHM/SOP, 1908). Em 1915, foi submetido outro projeto para a construção de mais uma casa operária na Rua Thabor, nº 153. Seu programa contemplou quarto, sala, cozinha, lavanderia e um banheiro apartado do corpo principal da residência (FIG. 2) (AHM/SOP, 1915).

Nos arredores do Ipiranga, o mapa demonstra a formação da Vila D. Pedro I e da Vila Independência, ambos locais de residência de uma parte significativa dos funcionários da fábrica, conforme atestam as fichas de funcionários alocadas no Centro de Documentação e Informação Científica (Cedic) da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). A própria família foi residir no entorno da fábrica (KARAM, 2007) e erigiu doze palacetes próximos ao Museu do Ipiranga, dos quais seis estão preservados. A escolha por residir neste local é uma singularidade em relação à trajetória de outros imigrantes da mesma colônia, que preferiram residir na Avenida Paulista como forma de projeção na sociedade. Na Rua Bom Pastor encontra-se: o número 730, construído em 1934, e pertencente a Violeta e Chedid Jafet; o número 798, construído em 1919, pertencente a Basílio e Adma Jafet; o número 801, datado de 1928, de Munira e David Jafet; e o 825, de 1934, de Ângela e Eduardo Jafet. Na Rua Costa Aguiar, nº 1013 foi erigido em 1922 o palacete de Chucri Assad, cunhado de Benjamim Jafet, e no número 1055, foi construído, em 1924, o de Michel Assad, também cunhado de Benjamin Jafet. A arquitetura em que foram edificadas estas residências demonstra que em suas residências estes indivíduos escolheram reafirmar uma identidade étnica (CRISTOFI, 2016).

O Palacete Rosa foi construído em 1928, com uma composição que demarca com bastante clareza a origem étnica de seus proprietários por meio dos elementos da arquitetura mourisca: a fachada é constituída por abundantes arcos ogivais, trilobados, contracurvados e em ferradura, por colunas e um torreão no topo da fachada, que remete aos minaretes árabes. O palacete possui dois pavimentos e um porão e internamente a casa tem todos os seus cômodos distribuídos no entorno de um saguão central iluminado por claraboias. As paredes internas são revestidas por arabescos e contêm vitrais da Casa Conrado, empresa fundada em 1889 pelo alemão Conrado Sorgenicht e que elaborou vitrais para o Mercado Municipal, a Catedral da Sé e a Sala São Paulo (DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, 2012).

Planta solicitando a construção de casa operária. Fonte: AHM/SOP, 1915.



Um indício de como foram interpretadas as intervenções da família Jafet na cidade de São Paulo está no jornal carioca O Radical, que na edição de 25 de janeiro de 1942, mais precisamente no editorial intitulado "Afirmando nas realizações de vulto pelo progresso do país a capacidade criadora e o alto senso de filantropia dos sírios-libaneses", narra o surgimento da Fiação, Tecelagem e Estamparia do Ipiranga Jafet e aborda diversas questões relativas à presença destes estrangeiros no país, em particular a trajetória do Cavaleiro Basílio Jafet.

Longe estamos aqui daqueles casos, em que o alienígena chega ao Brasil com a preocupação condenável de auferir os proventos da exploração e empregá-los fora do país, transferindo para outras plagas a seiva do esforço nacional. Não. Aqui encontramos justamente a lição mais perfeita que já é de assimilação, mas se estende no próprio plano da incorporação ao organismo nacional na ativa participação em favor das soluções dos problemas brasileiros, no desejo tantas vezes executado de figurar entre os primeiros a exprimir por atitudes concretas a sua dedicação ao Brasil. (AFIRMANDO NAS..., 1942, p.10).

Logo, para o jornal, os Jafet eram o exemplo de imigrantes desejáveis, pois haviam realizado muitas ações de benemerência, promovendo, por exemplo, a fundação do clube Ipiranga e arrecadando fundos para a construção de um monumento em homenagem aos sírios no Brasil nas comemorações do centenário da Independência. Somado a estas ações, eram também exemplos de bons industriais em virtude do tratamento dispensando a seus operários, conformando com eles uma "família estendida". Contudo, apesar de todas essas boas características, o texto do editorial continua a demarcar a fronteira destes imigrantes como o "outro", dizendo que:

Para nós brasileiros especialmente para os paulistas, os atos repetidos dessa personalidade têm uma significação essencial que se torna imperioso ressaltar, porque compreende uma das chaves do progresso e da evolução da terra bandeirante, sendo por si a satisfação que possuímos em assistir à verdadeira correspondência que todos quantos procuram a nossa terra para trabalhar e desenvolver-se deveriam oferecer à Pátria brasileira. (AFIRMANDO NAS..., 1942, p.10).

Segundo o editorial, havia inegavelmente uma relevante vinculação entre o desenvolvimento do bairro de Ipiranga e a família Jafet.

Apesar de todas essas boas características, o texto do editorial continua a demarcar a fronteira destes imigrantes como o "outro"

Quem visse o antigo bairro do Ipiranga em São Paulo e confronta hoje aquele velho aspecto com o panorama que soberbo se descortina aos olhos do visitante, há de pensar, — na sua primeira impressão — que foram necessários os esforços conjugados de milhares de iniciativas, para se atingir ao surpreendente resultado que se verifica.

E no entanto qual será a sua surpresa ao saber, como todos sabem em São Paulo, que, cada pedra da reconstrução daquele grandioso lugar cujo nome fala aos mais profundos sentimentos dos nossos patricios, porque é por si o símbolo de nossa independência e de nossa liberdade, — recorda os sentimentos generosos de um homem que pobre começou sua vida, e progredindo pelo seu admirável espírito de realizador, e por uma tenacidade firme como a daquelas próprias pedras, — usou a sua riqueza para satisfazer a mais nobre e grandiosa ambição dos corações elevados: — o bem de seu próximo.

A sua evolução foi sem dúvida como a daquele próprio bairro, onde o seu nome reúne gratidão coletiva. (AFIRMANDO NAS..., 1942, p.10).

Contudo, existiram outras posições a este respeito, a exemplo da crítica efetuada no periódico O Combate ao fato de Nami Jafet ser membro diretório do Partido Republicano Paulista do Ipiranga. Em 10 de março de 1919, ao tratar sobre o Diretório do Ipiranga, foi publicada a seguinte nota: "o sr. Jaffet é presidente do Comitê Sirio-libanes. Como, pois, se apresenta agora como coronel da G.N. e cidadão brasileiro?" (A POLÍTICA..., 1919). Boris Fausto (1995), ao abordar a postura do Partido Republicano Paulista (PRP) e do Partido Democrático (PD) ao longo dos anos 1920 com relação aos imigrantes, afirma que o PRP se apoiou nesta parcela da população e estabeleceu

A atuação de Nami Jafet esteve intimamente associada aos desfechos da Primeira Guerra Mundial, evidenciando as redes transnacionais de mobilização da comunidade imigrante sírio-libanesa espalhada pelas Américas

com eles redes clientelísticas, enquanto o PD, por sua vez, mantinha um discurso restritivo e xenófobo.

A atuação de Nami Jafet esteve intimamente associada aos desfechos da Primeira Guerra Mundial, evidenciando as redes transnacionais de mobilização da comunidade imigrante sírio-libanesa espalhada pelas Américas, que atuaram em prol da independência de sua pátria de origem, submetendo recursos e alistando indivíduos para compor a frente de batalha da expedição oriental. Jafet fundou no Brasil a Liga Patriótica Síria, um braço do Comitê Central Sírio. Além dele, que era o presidente da instituição, havia ainda Nagib Trad, vice-presidente, Miguel Stefano, tesoureiro, Fares Najm, primeiro secretário, Nicolau Massr, segundo secretário; todas figuras de projeção social no país. As informações circulavam nas redes compostas por esses imigrantes e eram publicadas nos periódicos que fundaram em diversos países, a exemplo da *Correspondência do Oriente de Paris*, que publicou informações sobre esses encontros e sobre a doação efetuada por Nami, em suas palavras, "um dos mais respeitosos membros da colônia" (LIGUE..., 1917).

Contudo, o apoio ao protetorado não era uma unanimidade. Em 1917, Nagib Haddad e Anis Racy publicaram no *Correio Paulistano* uma série de matérias intituladas "A Nova Síria", em que questionavam quais eram as reais intenções da França na região. Os autores perguntavam por que não haveria um acordo assinado pelo governo assegurando que a autonomia da região fosse mantida após a libertação de seu território? Para os autores, os membros da Liga Patriótica representavam uma classe muito específica dentro da comunidade, que não estava disposta a ouvir os anseios da maior parte de seus mem-

bros, e a manutenção deste apoio à França só faria com que fossem motivo de chacota (A NOVA..., 1917), a exemplo da *Revista da Semana* (OS SÍRIOS..., 1917).

A publicação, propriedade da Companhia Editora Americana, em seu exemplar de 1º de setembro de 1917, apresentou como matéria de capa a recepção que o novo embaixador francês junto ao governo do Brasil recebeu no Rio de Janeiro. Assim, ao intitular a notícia de "Os sírios (...) cidadãos franceses", o jornal, em tom jocoso, revelava o pesar de ter acolhido esses imigrantes para viver em seu território, enquanto, os mesmos clamavam por se tornarem franceses, e exprimia a opinião de que estes indivíduos só estavam no Brasil por seus anseios comerciais, algo que não havia implicado em um vínculo efetivo com o país, ideia reforçada pela passagem em que atribuem ao Brasil o mesmo "erro" em que incorreu os Estados Unidos: receber toda sorte de indivíduos sem o estabelecimento de critérios que norteassem uma seleção. Contudo, o desconforto gerado por esse encontro não se restringiu à revista. Em 1921, Nami foi condecorado em uma de suas viagens à Europa com a medalha da Legião de Honra francesa em função de seus esforços para ajudar os aliados na Primeira Guerra (NAMI JAFET..., 1921).

Inegavelmente as experiências de deslocamento resultam em um processo de resignificação de identidades destes indivíduos. Como parte deste fenômeno observa-se que os imigrantes propendiam a criar diversas formas de organização, que adquiriram características tanto relacionadas a seus grupos étnicos quanto de classe. Entender em que medida estes fatores se entrelaçam e se opõem é vital para a compreensão de suas trajetórias, que apesar de parecerem semelhantes ao olhar da sociedade receptora, não são homogêneas.

Os sírios, apesar de parecerem uma colônia análoga aos olhos dos paulistas, possuíam diversas discordâncias decorrentes de divisões de classe, religião, lugar de origem e de lealdades distintas a familiares e redes colaborativas. Consequentemente, uma ação conjunta, por diversas vezes, não foi possível. Michael Hall, em seus estudos sobre a imigração em São Paulo, apontou o seguinte cenário:

Knowlton ficou impressionado pelas divergências que impediam o estabelecimento de uma Câmara de Comércio ou qualquer outra instituição que englobasse a comunidade inteira. Representantes das associações regionais e das mais importantes famílias (elas também unidades econômicas semiautônomas) resolviam as questões que atingiam a colônia como um

Em sua atividade empresarial, a família Jafet teceu uma rede de negócios que extrapolou as fronteiras nacionais

todo. Mesmo as associações beneficentes, recreativas e escolares geralmente refletiam divisões religiosas e geográficas. (HALL, 2004, p.144).

Uma das querelas que se tornou um campo de disputa dentro da comunidade diz respeito à nomeação do Hospital Sírio. A Sociedade Beneficente de Senhoras, fundada por Adma Jafet, esposa de Basílio Jafet, recebeu doações para a criação de um hospital, cuja construção foi iniciada em 1931. No ano seguinte, os doadores receberam uma carta lhes perguntando se mesmo com a substituição do nome da instituição para Hospital Sírio-Libanês suas doações seriam mantidas. Em resposta, Rizkallah Jorge, Assad Abdalla, Nagib Salem e outros moveram uma ação contra a Sociedade Beneficente de Senhoras, tendo como objeto a divergência de concepções com relação à nomeação (JORGE, 1932).

Em uma disputa que durou quase dez anos, libaneses e sírios defenderam seus posicionamentos até que em 3 de outubro de 1940 foi decidido, após a intervenção de Adhemar de Barros, interventor federal no estado, e do patriarca Ortodoxo da Antioquia, Alexandre Tahan, que ocorresse um entendimento entre as partes. A petição relatava que os anseios humanitários da criação da instituição não condiziam com a disputa que estava ocorrendo, assim ficou acordado o nome "Hospital de Caridade da Colônia Sírio-Libanesa" cessando todos os prejuízos ocasionados pelas custas judiciais advindas da querela. Com o fim do protetorado francês na região havia a oposição entre os que ansiavam por um país único enquanto outros almejavam por um Líbano independente, divergência que fez com que alguns indivíduos da colônia síria preferissem financiar o Hospital do Tórax (TRUZZI, 2008a).

Logo, pressupor que apenas a identidade étnica influenciaria na tomada de decisão sobre o local em que determinado indivíduo residirá e com quais comunidades ele irá traçar relações, nega diversos outros fatores rele-

vantes. A construção da identidade no processo migratório é uma sobreposição de diversas camadas constantemente negociadas, em que ora ocorre a aceitação, ora a resistência à assimilação. Truzzi (2016) entende que a experiência social destes imigrantes se localiza em uma zona de intersecção entre o *background* social, econômico e cultural de sua terra de origem, contexto político e econômico de ambas as nações no período de migração e condicionantes de inserção na nova terra com suas oportunidades de mobilidade.

4. Os Jafet e a construção de uma rede de negócios transnacional

Em sua atividade empresarial, a família Jafet teceu uma rede de negócios que extrapolou as fronteiras nacionais, tanto na importação de maquinário, quanto de insumos e na distribuição dos produtos por eles fabricados. Partes dessas transações estão documentadas em notícias de periódicos, algo que nos possibilita compreender as relações que foram travadas em decorrência das atividades de sua indústria.

Warren Dean (1973), ao analisar o processo de industrialização da cidade de São Paulo, afirma que os importadores se tornaram potenciais industriais, isto é, muitos transformaram suas agências em fábricas autorizadas. Dean destaca que a economia inicialmente estava orientada para a importação, o que fazia com que as manufaturas fossem um aspecto apenas complementar, sendo assim, em alguns casos serviam ao objetivo de assegurar o direito de distribuição exclusiva, e em outros, o próprio importador se tornava o empresário industrial (DEAN, 1973). Situação semelhante pode ser observada na trajetória empresarial da família Jafet, que iniciou sua atuação no ramo da importação, e após a construção de um parque industrial, manteve a importação de toda sorte de tecidos. O brasileiro relata que os irmãos Jafet começaram a produzir seus produtos após 1906, portanto, permaneceram muitos anos como atacadistas e importadores de tecidos.

De 1907 ao início de 1908 é possível traçar, por meio do jornal O Estado de S. Paulo, a entrada de cerca de 900 maquinários advindos da Inglaterra para compor o parque industrial dos Jafet. Estima-se que, em 1913, o capital da empresa era de quatro milhões de réis, e que possuía 785 operários e 444 teares. Já em 1919, o capital era de seis milhões de réis, com 1.200 operários e 800 teares (BARRO; BACELLI, 1979). O Boletim da Comissão Executi-

Quadro que mostra a relação de tecidos de algodão importados pelo Brasil da Inglaterra. Dados fornecidos para a Fábrica do Ypiranga. Fonte: AOS INDUSTRIAIS..., 1917, p.2.

TIPO DE TECIDO	1914		1915		1916	
	Jardas	Libras	Jardas	Libras	Jardas	Libras
Tecido Cru	406.00	8.873	525.000	9.676	2.888.000	39.205
Tecidos Brancos	9.724.000	153.730	10.578.000	166.537	15.399.000	287.331
Tecidos Estampados	2.741.500	43.312	2.974.000	55.544	6.096.000	126.604
Tecidos Tintos	16.918.00	319.406	20.013.200	371.997	33.330.000	690.667
Tecidos de Cores	4.374.000	32.964	4.017.000	83.437	8.780.000	203.527
Resumo	34.164.000	610.071	38.119.000	687.191	66.486.700	1.347.334

va Têxtil publicado em 1946 destacou que apenas quatro fábricas no estado de São Paulo possuíam mais de 1.500 teares, entre elas a Fiação Ypiranga.

Para a ampliação de seu parque industrial as importações da fiação visavam o aumento do número de maquinários, sendo assim, observamos muitas notícias relatando a chegada de maquinários, por exemplo, as 47 máquinas que chegaram no vapor inglês Horace (IMPORTAÇÃO..., 1912). A fábrica também importava insumos para sua produção, tais como fardos de algodão, couro e fusos de madeira (IMPORTAÇÃO..., 1914). Contudo, é relevante percebermos também que afora a Inglaterra, outro país se destacou nessas transações comerciais, os Estados Unidos. Conforme notícia de 13 de setembro de 1916, podemos verificar que houve a importação de 5 barris de ácido, 7 barris de anilina³ e 44 amarrados de extrato de pau Campeche vindos de Nova Iorque (IMPORTAÇÃO..., 1916).

A relação entre os dois países neste momento condiz com as circunstâncias no cenário mundial: com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, os navios ingleses passaram a limitar o transporte de itens brasileiros para a exportação e suspenderam a importação do café, fazendo com que suas trocas comerciais tivessem um decréscimo. Entretanto, como os Estados Unidos não entraram instantaneamente na guerra, o comércio entre ambos pouco foi impactado. Assim, o país, que era o principal consumidor das exportações brasileiras, passou a fornecer muitos dos artigos manufaturados antes exportados pela Europa (DEAN, 1973).

Fernando Atique (2007) demonstra que o Brasil escolheu se associar aos Estados Unidos pois era uma nação que oferecia uma opção modernizadora atraente à elite brasileira. Por meio de trocas comerciais, da disponibilização de mercadorias e tecnologia, foram forjados também laços sociais. O autor utiliza como recorte para compreender o início destas relações entre os países a viagem que o imperador Dom Pedro II fez aos Estados Unidos em 1876, em virtude da exposição comemorativa do centenário de Independência daquela nação. É interessante frisar que neste mesmo ano, o imperador, em sua segunda visita ao Oriente Médio, foi para a Síria com

uma comitiva de cerca de duzentas pessoas e visitou o Colégio Protestante Sírio, atual Universidade Americana de Beirute, onde assistiu uma aula do professor Cornelius Van Dick junto com alguns alunos, dentre os quais se encontrava Nami Jafet.

A Universidade Americana de Beirute surgiu em 1863 como uma iniciativa do estado de Nova Iorque de construir uma escola na região. Com o advento da guerra, a sua situação se tornou emblemática, pois era uma instituição estadunidense em território inimigo. Após o fim da guerra, a Fundação Rockefeller fez uma doação que permitiu com que houvesse um período de expansão e modernização da universidade. No ano de 1953, familiares de Nami Jafet patrocinaram a construção da *Nami Jafet Memorial Library* visando a manutenção das relações entre eles e sua pátria de origem.

A Grande Guerra também impactou no aumento do capital empresarial, uma vez que a interrupção das remessas advindas da Europa propiciou o desenvolvimento da fiação (BARRO; BACELLI, 1979). Em decorrência da guerra, vemos que no âmbito das Associações Comerciais do Estado de São Paulo, a presença de empresas estrangeiras também foi motivo de embate. Em 6 de dezembro de 1917, o jornal Correio Paulistano publicou uma notícia intitulada "A Guerra do Brasil", relatando que havia sido entregue ao Centro de Comércio e Indústria de São Paulo um abaixo-assinado em que os sócios, de nacionalidades "aliadas", dentre eles os diretores da Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga, protestavam perante a

[...] diretoria deste centro contra a não exclusão de entidades comerciais que consideram suspeitas, real ou virtualmente inimigas, e cuja presença nessa agremiação, nas atuais circunstâncias, é considerada pelos abaixo-assinados absolutamente incompatível com a sua situação de sócios. (A GUERRA..., 1917, p.6).

A Associação Comercial de Santos aprovou a eliminação da matrícula social de todas as firmas alemãs e de alemães naturalizados brasileiros, fato criticado por Gabriel Junqueira, que atentou para a inconstitucionalidade

lidade de tal ato, uma vez que o indivíduo naturalizado gozava das mesmas prerrogativas que o cidadão brasileiro (A EXCLUSÃO..., 1917).

A interrupção do comércio durante a guerra facilitou também a exportação de tecidos de algodão para os mercados da Argentina e da África, o que possivelmente possibilitou a manutenção destas trocas posteriormente. A Fiação Ypiranga demonstrou interesse em se inserir neste mercado ao se inscrever na Feira de Amostras, que seria realizada em Buenos Aires em 1928, tais eventos eram oportunidades de estabelecer redes e parcerias comerciais. Em ofício despachado ao cônsul do Brasil em Buenos Aires, é possível perceber mais uma tentativa de inserir seus produtos neste local, no qual a Fiação, Tecelagem e Estamparia do Ypiranga Jafet transmitiu a relação de preços e metragens referente a uma coleção de amostras remetidas aquele consulado (SECRETARIA..., 1928).

Contudo, sua rede não se restringia à compra e venda de materiais, os imigrantes libaneses também se beneficiavam de uma rede de informantes que lhes atualizavam dados relativos ao seu ramo industrial. Em matéria de 22 de março de 1917, o jornal Correio Paulistano reproduziu o quadro estatístico recebido pela "conceituada firma" de seus parceiros de Manchester, Inglaterra, a respeito da quantidade e valores de todas as classes de tecidos de algodão exportados para o Brasil desde o início de 1914 até dezembro de 1916 (FIG. 3) (AOS INDUSTRIAIS..., 1917). Tal fato demonstra o esforço dos empresários em publicizar informações a respeito do setor que ocupavam, indicando um potencial de crescimento para a indústria nacional.

As notícias sobre as viagens realizadas por estes imigrantes também demonstram como eles estavam construindo redes e circulando em diversas localidades. Em 1929, Benjamin Jafet retornou com sua família ao Brasil após uma estadia na Europa (HOSPEDES ..., 1929a); e em 1924 divulga-se a chegada em Santos de Nagib Jafet, filho de Namí Jafet e diretor secretário da Fiação e Estamparia, no navio *American Legion*, vindo dos Estados Unidos (HOSPEDES ..., 1929b).

Para os irmãos Jafet o deslocamento em função de melhores condições econômicas fazia parte de sua experiência desde o momento em que tomaram a decisão de migrarem ao Brasil, se tornando uns dos primeiros membros da colônia sírio-libanesa a se estabelecer neste país. Podemos constatar que a própria biografia destes indivíduos foi construída em torno da dissolução das fronteiras nacionais.

Analisar as relações comerciais e sociais estabelecidas por estes imigrantes ao longo de sua vida significa

compreender suas estratégias de inserção na sociedade paulistana e o quanto para estes industriais era necessário circular entre inúmeras localidades para estabelecer contato com processos tecnológicos, melhores condições de compra de matéria-prima e abertura de novos mercados. Ao estabelecerem estas conexões lhes era possível desfrutar de muitos benefícios, que poderiam representar, por exemplo, mudanças na tributação ou a inserção em círculos privilegiados.

Escolher a perspectiva transnacional para compreender a trajetória destes imigrantes é ratificar uma narrativa sobre a imigração que também possa abarcar a microescala, pois nela se torna possível o entendimento de uma série de processos que parecem homogêneos. Apenas assim conseguimos conceber as múltiplas identidades mobilizadas por estes indivíduos para a construção de seu capital econômico, simbólico e social.

AUTORA

Bacharel e Licenciada (2013) e Mestre em História (2016) pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atualmente é doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bolsista processo n.2017/17947-1, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Pesquisadora do grupo Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica (CAPPH) e integrante do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade (CIEC).

NOTAS

1. O uso da expressão sírio-libanês se dá pelo fato de que até 1926, quando a República do Líbano foi criada, tanto Síria quanto Líbano estavam em um mesmo território, a Grande Síria. Como os imigrantes objetos desta pesquisa aportaram antes desta data, sua origem ainda era sírio-libanesa. Enquanto ainda faziam parte do Império Turco-Otomano todos os imigrantes eram registrados como árabes, depois da separação passam a ser denominados sírio-libaneses.

2. MANIFESTOS ..., 28 de dezembro de 1901, 21 de junho de 1904, 29 de junho de 1904, 15 de julho de 1904, 09 de setembro de 1904, 23 de setembro de 1904, 24 de setembro de 1904.

3. A anilina se tornou alvo de embates por parte das companhias de fiação após a empresa Naegeli e C. requerer privilégios de importação e solicitar a retirada do mercado nacional das que estavam sendo comercializadas. Em resposta a este quadro, o Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem de São Paulo enviou um telegrama ao presidente Epitácio Pessoa solicitando o fim dos privilégios indevidos, manifesto que foi assinado por diversas empresas, entre elas, a Fiação do Ipiranga (PELOS INTERESSES..., 1919, p.5).

REFERÊNCIAS

ACERVO PESSOAL CASA DA BOIA.
A EXCLUSÃO dos alemães da Associação Comercial. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.11, 23 nov. 1917.
AFIRMANDO NAS realizações de vulto pelo progresso do país a capacidade criadora e o alto senso de Filantropia dos sírios-libaneses. *O Radical*, Rio de Janeiro, p.10, 25 jan. 1942.
A GUERRA do Brasil. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.6, 6 dez. 1917.
A NOVA Síria. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.2, 4 set. 1917.
AOS INDUSTRIAIS. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.2, 22 mar. 1917.
A POLÍTICA, *O Combate*, São Paulo, p.1, 10 mar. 1919.
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL (AHM). Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura de São Paulo, Série de Obras Particulares — 1908/000.961-CX.42. São Paulo, 1908.
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL (AHM). Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura de São Paulo, Série de Obras Particulares — 1910/001.237/PRO002. São Paulo, 1910.
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL (AHM). Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura de São Paulo, Série de Obras Particulares — 1915/003/759/PRO01. São Paulo, 1915.
ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, p.114, 1869.
ATIQUÊ, Fernando. *Arquitetando a "Boa Vizinhança": a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945*. 2007. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
BARRO, Máximo; BACELLI, Roney. *Ipiranga*. História dos Bairros de São Paulo, v.14. São Paulo: DPH, 1979.
BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. A cidade como negócio. Mercado imobiliário em São Paulo no século XIX. In: FRIDMAN, Fania; ABREU, Maurício (org.). *Cidades latino-americanas: um debate sobre a formação de núcleos urbanos*. São Paulo: Casa da Palavra, 2010. p.145-165.

CAVALEIRO BASILIO Jafet. *Jornal de Notícias*, Porto, p.4, 6 maio 1947.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA.
COMISSÃO EXECUTIVA TÊXTIL. *Indústria têxtil algodoeira*. Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1946.
CONRAD, Sebastian. *What is Global History*. Princeton: Princeton University Press, 2016.
CRISTOFI, Renato Brancaglione. *O orientalismo arquitetônico em São Paulo (1895-1937)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: Difusão Editorial S.A., 1973.
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *Guia de bens culturais da cidade de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2012. p.270.
EXPEDIENTE. *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, p.3, 28 jul. 1897.
FAUSTO, Boris. *Imigração e política em São Paulo*. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1995.
FELDMAN, Sarah. Bom Retiro. Bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945). In: LANNA, Ana Lucia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de Lira; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011. p.39-62.
GLEZER, Raquel. *Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo*. São Paulo: Ed. Alameda, 2007.
HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (Org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p.121-123.
HOSPEDES e viajantes. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.5, 30 abr. 1929a.
HOSPEDES e viajantes. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.3, 26 nov. 1929b.
IMPORTAÇÃO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p.6, 5 ago. 1912.
IMPORTAÇÃO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p.9, 13 dez. 1914.
IMPORTAÇÃO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p.7, 13 set. 1916.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento.
JAFET, Nami. *Ensaio e discursos*. São Paulo: São Paulo Editora, 1947.
JORGE, Rizkallah. Carta de esclarecimento. *Arquivo Pessoal de Rizkallah Jorge*, São Paulo, 24 jun. 1932.
KARAM, John Tofik. *Another Arabesque: Syrian-Lebanese Ethnicity in Neoliberal Brazil*. Filadélfia: Temple Press, 2007.
KLEIN, Herbert. Migrações Internacionais na História da América. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p.13-32.
LANNA, Ana Lucia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de Lira; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.
LANNA, Ana Lucia Duarte. O Bexiga e os italianos em São Paulo, 1890/1920. In: LANNA, Ana Lucia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de Lira; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda Editorial, 2011. p.113-131.

LIGUE pour la libération de la Syrie et du Liban. *Correspondance D'Orient — Chronique Syrienne*, Paris, p.283-284, 11 out. 1917.
LUCASSEN, Jan; LUCASSEN, Leo. *Migration, Migration History: Old Paradigms and New Perspectives*. Bern: Peter Lang, 1997.
MANIFESTOS, *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, p.4, 28 dez 1901
MANIFESTOS, *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, p.4, 21 jun 1904.
MANIFESTOS, *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, p.4, 29 jun 1904.
MANIFESTOS, *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, p.4, 15 jul 1904.
MANIFESTOS, *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, p.4, 09 set 1904.
MANIFESTOS, *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, p.4, 23 set 1904.
MANIFESTOS, *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, p.4, 24 set 1904.
MASSEY, Douglas. An Evaluation of International Migration Theory: The North American Case. *Population and Development Review*, v.20, n.4, dez. 1994.
NAMI JAFET. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.3, 11 mar. 1921.
OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. O espetáculo do Ipiranga: reflexões preliminares sobre o imaginário da Independência. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.3, p.195-208, jan./dez. 1995.
OS SÍRIOS... cidadãos franceses. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, capa, 1 set. 1917.
PELOS INTERESSES vitais da indústria mais importante do país. *A Noite*, Rio de Janeiro, p.5, 23 nov. 1919.
PORTES, Alejandro; GUARNIZO, Luis; LANDOLT, Patricia. El estudio del transnacionalismo: peligros latentes y promesas de un campo de investigación emergente. In: *La Globalización desde abajo: transnacionalismo inmigrante y desarrollo: la experiencia de Estados Unidos y América Latina*. México: FLACSO-México, 2003.
SECRETARIA da Agricultura. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.9, 28 mar. 1928.
SEED, Patricia; BAYLY, C. A.; BECKERT, Sven; CONNELLY, Matthew; HOFMEYER, Isabel; KOZOL, Wendy. AHR Conversation: On Transnational History. *American Historical Review*, Oxford, v.111, n.5, p.1441-1464, 2006.
SEYFERTH, Giralda. Cartas e narrativas biográficas no estudo da imigração. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*. São Paulo: Ed. UFscar, 2005. p.13-52.
SR. BENJAMIN Jafet. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.5, 5 fev. 1940.
TRUZZI, Oswaldo M. s. *Sírios e libaneses: narrativa de história e cultura*. São Paulo: CEN, 2005.
_____. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 2008a.
_____. Redes em processos migratórios. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v.20, n.1, p.199-218, jun. 2008b.
_____. *Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
VIANNA, Oliveira. *Raça e assimilação*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1959.
WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, São Paulo, n.14, p.13-29, jan./jun. 2013.